

Guaíba supera Enchente de 1941 e Capital vive cheia histórica

Porto Alegre tem dias de angústia e, também, de solidariedade, que marcarão a cidade

/CLIMA

Juliano Tatsch

juliano@jornaldocomercio.com.br

Os porto-alegrenses estão vendo a história acontecer diante dos seus olhos. No futuro, quando seus netos e bisnetos estudarem ou ouvirem falar sobre a histórica enchente do Guaíba de 2024, os que hoje vivem esses dias de maio na capital gaúcha poderão falar que vivenciaram cada minuto da angústia de ver as águas do lago tomarem conta da cidade.

Berço e coração econômico da Capital, o Centro Histórico ficou submerso. As lojas, bares e restaurantes tiveram de fechar as portas, tentar salvar o que fosse possível da mercadoria e torcer para que as águas parassem de subir. Mas elas não paravam. Às 8h de sábado, o nível do Guaíba era de 5,02m. No início da tarde, às 13h, a medição já marcava 5,10m. No domingo, a situação se agravou, chegando aos 5,33 no início da manhã - 57 cm acima do recorde anterior, registrado naquela que, até então, estava na memória da cidade como a maior cheia do Guaíba: a Enchente de 1941. No fim da tarde recuou para 5,27m.

O Mercado Público foi esvaziado e fechado. No lado de fora, quem observava de longe ou chegava perto por meio de algum barco ou bote via as águas batendo na metade da altura das portas. A reação das pessoas era um sinal de que o que estava acontecendo era absolutamente inédito e até inacreditável. Olhares atônitos, pessoas em silêncio apenas observando ou fazendo registros fotográficos e em vídeo. Entre as que conversavam, as expressões e frases de espanto se repetiam.

Pelas redes sociais e aplicativos de mensagens, os alertas das autoridades da prefeitura e do governo do Estado não parava de chegar. Ontem, o pedido era para que a população racionasse água, visto que quatro das seis Estações de Tratamento de Água (ETAs) - Ilhas, Moinhos de Vento, São João e Tristeza - do Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae) estavam fora operação desde sábado por questões de segurança.

O histórico Edifício Ely, ao lado da Rodoviária, foi erguido entre os anos de 1922 e 1923, sendo, então, testemunha das duas maiores enchentes que assolaram a cidade. Ao lado dele, se esgueirando, um idoso caminha-



Prédios icônicos do Centro Histórico, como o Paço Municipal e Mercado Público, ficaram ilhados pela água

va com água acima da cintura. Buscando evitar uma queda ao pisar em um buraco submerso, usava uma bengala para manter o equilíbrio e tatear o chão que estava invisível aos olhos.

Com todas as operações suspensas, a Estação Rodoviária se tornou uma verdadeira bacia, com as águas de cor marrom ocupando cada espaço. Com a elevação do nível do lago, a cada minuto mais um pedaço de asfalto ou de pedra ia sumindo, como na Praça Padre Tomé, em frente à Igreja das Dores. Também fora de serviço, o Trensurb teve suas estações no subsolo, como a Estação Rodoviária, totalmente tomadas pela água.

Na Praça da Alfândega, ponto que reúne diversos prédios de uso cultural, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), o Farol Santander e o Memorial do Rio Grande do Sul, os acervos tiveram de ser movidos para não serem danificados.

Na Usina, assim como no Pontal do Estaleiro, o maior movimento era das dezenas de bar-

cos, jet-skis e botes de resgate que faziam o traslado de moradores, tanto das ilhas quanto de cidades vizinhas como Guaíba e Eldorado do Sul, que ainda seguiam em suas residências completamente tomadas pela inundação. Ambos os locais se tornaram um QG para os trabalhos de resgate.

O Guaíba não invadiu apenas o Centro da cidade. Praticamente todas as áreas mais próximas às zonas de orla ficaram alagadas. No bairro Menino Deus, por exemplo, em algumas ruas ficou impossível transitar. O Hospital Mãe de Deus, na rua José de Alencar, teve de ser evacuado com a ajuda de Militares do Exército. O Shopping Praia de Belas sequer abriu as portas.

Na região do Sarandi e 4º Distrito, o quadro era o mesmo: ruas intransitáveis para pedestres, comércio fechado e apenas veículos mais altos conseguindo trafegar. As comunidades no entorno da Arena do Grêmio eram as mais afetadas na cidade.

Na avenida Castelo Branco, o

asfalto cedeu, abrindo uma cratera no trecho que fica acima da comporta 14, interrompendo o principal acesso à Capital.

Seguindo em direção à zona Sul, na nova orla, os espaços de lazer ficaram submersos e, no Extremo Sul, o nível das águas se somou às dificuldades de estrutura urbana já existentes na região, como vias de chão batido que ficaram intransitáveis, ilhando os moradores de bairros como o Ponta Grossa. No bairro Ipanema, avenida Guaíba, praticamente deixou de existir e se tornou parte do lago que lhe deu o nome.

Os prejuízos econômicos ainda não foram calculados e essa sequer é a preocupação dos órgãos públicos. Com a tragédia instalada, o foco está em preservar vidas. A situação irá passar, mas a enchente desses primeiros dias de maio de 2024 permanecerá para sempre na lembrança daqueles que a viveram, assim como a rede de solidariedade que se formou para ajudar quem perdeu tudo.

Três das 4 maiores cheias foram nos últimos 9 meses

Guilherme Kolling

guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

As 8h de domingo, dia 5 de maio de 2024, o nível do Guaíba chegou ao recorde de 5,33 metros, deixando grande parte da cidade alagada. O maior patamar, até então, era da histórica Enchente de 1941, quando não havia o sistema de contenção de cheias e o Guaíba chegou a 4,76 metros.

Embora o nível recorde do Guaíba tenha levado 83 anos

para ser superado, outro dado chama atenção: a recorrência de eventos climáticos que elevaram o manancial de águas de Porto Alegre.

Foram três eventos, até aqui considerados extraordinários, nos últimos nove meses.

Mais do que isso: das quatro maiores marcas do nível do Guaíba, três ocorreram de setembro para cá - a Enchente de 1941 fecha a lista dos quatro eventos que estão no topo.

O dado, além de preocu-

Maiores patamares históricos do Guaíba

- ◆ 1 | Maio de 2024 - 5,33 m
- ◆ 2 | Maio de 1941 - 4,76 m
- ◆ 3 | Novembro de 2023 - 3,46 m
- ◆ 4 | Setembro de 2023 - 3,18 m
- ◆ 5 | Setembro de 1967 - 3,13 m

pante, pode apontar que esses eventos climáticos no Rio Grande do Sul não são episódicos, deixando o alerta de que podem voltar a ocorrer em breve.

Todos os abrigos disponibilizados em Porto Alegre estão lotados

Arthur Reckziegel

arthurr@jcrs.com.br

Os 25 abrigos disponibilizados pela prefeitura de Porto Alegre estava lotados na tarde de ontem. Segundo o secretário de Modernização e Gestão de Projetos, Rogério Beidacki, eram 40 abrigos cadastrados. Em torno de mais 15 foram abertos por associações e entidades que não têm ligação com o poder público, como escolas e

igrejas. “Vale ressaltar que esse número está em constante crescente. A cada hora que passa são cadastrados novos locais. O número de resgatados está aumentando também”, afirmou.

Beidacki também faz um apelo àqueles que querem ajudar. “Peço que levem apenas água para os abrigos. O restante dos doativos devem ser encaminhados aos pontos de coleta. O principal são colchões e água”.